

PRA QUE SERVE UM CRÍTICO MUSICAL

Camilo Rocha

Na era pré-digital, o crítico musical era uma figura bastante poderosa. Nesse tempo, ele era o cara que ouvia o disco antes de todo mundo e sacramentava no papel do jornal ou da revista um veredito sobre o álbum X ou a banda Y. Veredito esse que poderia acompanhar o artista por muitos e muitos anos. O crítico era amado ou odiado por fãs, bandas e gravadoras. O crítico era relevante na engrenagem da indústria musical.

Eu mesmo descobri outro dia que os Titãs nunca se esqueceram de uma resenha que fiz para a *Bizz*, em 1992, onde falei que sua *performance* num *show* tinha sido "murcha como um palhaço desdentado" (eita analogia esquisita, quero crer que hoje aprendi a escrever um pouco melhor).

A crítica funcionava muito como um orientador, uma peneira, estimulando ou não a compra de um disco.

Era digital

Com a era digital, vieram os MP3s, os P2P, os *downloads*, os *blogs*, os *streamings* e os vazamentos. O acesso a qualquer tipo de conteúdo musical saiu da cadeira cativa para a geral. Até sair a resenha, um disco já foi escutado por uma porção de gente. E todo mundo já tem, então, sua opinião sobre o referido disco e não precisa de alguém dizendo "aqui está o futuro da música".

Bom, esta é a interpretação mais óbvia.

Mas ela se baseia numa leitura superficial. Porque um crítico de música pode e deve ser bem mais do que um jurado de programa de auditório, um cara que faz nada mais que dar uma nota para um disco. Tampouco deve ser o crítico um cara que apenas descreve um disco de maneira técnica e fria, como muitos fãs antigamente achavam que devia sair (quantas cartas para a *Bizz* não falavam "não quero saber sua opinião, quero saber como é o disco").

A boa escrita musical vai muito além disso. O bom crítico oferece contexto, teorias, informações pouco conhecidas sobre o artista, faz ligações entre uma obra e eventos culturais do presente, momentos históricos ou outros artistas.

Por exemplo, quando eu era leitor ávido da *Bizz*, antes de trabalhar lá, devorava os textos não só por causa do artista focado pelo texto mas por uma porção de outras referências que me eram apresentadas: suas influências culturais, outras bandas da qual fez parte, o autor original de alguma *cover* que ele gravou. Textos de gente como André Forastieri, Pepe Escobar, Bia Abramo, Ana Maria Bahiana e Luís Antônio Giron sempre foram bem mais do que "falar do disco", e era essa uma das coisas que eu mais curtia.

Resumindo, o bom crítico não apenas fala sobre música, mas te faz pensar sobre essa música. Fora que serve para desinflar o ego de muito artista com complexo triplo de Zeus, Maomé e Jesus Cristo.

É por isso que agora, na internet, em tempos de Perez Hilton e gente falando de música mal e toscamente, eu acredito que o bom texto musical não só tem espaço como é mais necessário do que nunca.

Aí vão dez críticos *pop* de ontem e hoje que valem a pena:

Lester Bangs: Americano que foi um primeiros por lá a botar pilha no *punk*. Foi demitido da *Rolling Stone* nos anos 70 por ser muito "desrespeitoso".

Ezequiel Neves: Também conhecido como Zeca Jagger, tinha um dos textos mais ácidos da primeira versão brasileira da *Rolling Stone*, nos anos 70.

Pepe Escobar: Farol dos anos 80 e um dos responsáveis por promover no Brasil toda uma nova geração de bandas inglesas como The Cure e Echo & the Bunnymen.

Greil Marcus: Acadêmico de Berkeley, fez escola ao elaborar associações entre o rock e a cultura ocidental como um todo. Seu livro *Mystery Train* é um clássico.

David Toop: Músico de *ambient* e um conhecedor profundo de todo tipo de música, do *gamelan* indonésio ao *hip-hop*, do *pós-punk* ao *jazz* africano.

Nelson George: O principal comentarista da cultura pop negra dos EUA, já escreveu livros sobre a Motown, o *rap* e "a morte do *rhythm'n'blues*".

Luís Antônio Giron: Com formação musical erudita, fez história na Folha na virada dos 80 para os 90, ao demolir vários "intocáveis" da MPB.

André Forastieri: Meu primeiro incentivador na *Bizz*. Antes escrevia na *Ilustrada*, onde chamou a atenção pelo seu estilo direto, pop e sem papas na língua.

Jon Savage: Inglês detalhista e criativo, autor do livro definitivo sobre a história do *punk*: *England's Dreaming*.

Simon Reynolds: Seu texto é quase acadêmico, pomposo às vezes, mas ele oferece "insights" poderosos e uma bagagem musical de cair o queixo.

Nota dos editores

Texto gentilmente cedido pelo autor. Originalmente publicado em seu *blog*, o [Bate-Estaca](#).